

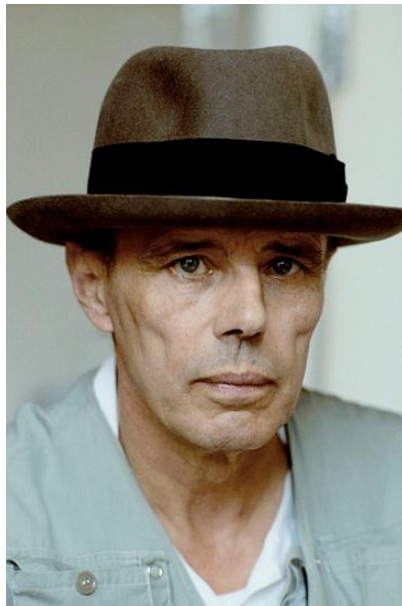


VI Simpósio Nacional de HISTÓRIA CULTURAL

Escritas da História: Ver - Sentir - Narrar

JOSEPH BEUYS: O ARTISTA SOCIAL

Marcos Rizolli*



Retrato de Joseph Beuys, 1981.

Joseph Heinrich Beuys (Krefeld, 1921 – Dusseldorf, 1986) foi um artista alemão que produziu arte a partir de vários meios e técnicas, incluindo instalações e performances – notadamente no tempo em que atuou como um dos artistas protagonistas do legendário Grupo Fluxus. Ele é considerado um dos mais influentes artistas da segunda metade do século XX.

* Doutor em Comunicação e Semiótica: Artes; Professor-Pesquisador no Programa de Pós-Graduação em Educação, Arte e História da Cultura da Universidade Presbiteriana Mackenzie; Crítico de Arte e Curador Independente

Beuys travou algum contato com a arte na juventude. Entretanto, com a explosão da Segunda Guerra Mundial ele se alistou na Força Aérea Alemã (*Luftwaffe*).

Costuma-se dizer que a predominância de feltro e gordura na obra de Beuys é devida a um incidente ocorrido na guerra. Beuys foi alvejado e seu avião caiu durante uma missão na Criméia e ele acabou sendo resgatado por aldeões locais. Ele teria seu salvamento garantido ao ter sido tratado com ervas e recoberto por feltro e gordura. Não se sabe se essa história é verdadeira, mas agora ela já faz parte do mito que cerca a figura de Beuys.

Depois da guerra, Beuys concentrou-se na arte e estudou na escola de arte de Dusseldorf de 1946 a 1951. Nos anos 1950, ele se dedicou principalmente ao desenho. Em 1961, ele se tornou professor de escultura na academia, mas acabou sendo demitido de seu posto em 1972, depois que insistiu em que suas aulas deveriam ser abertas a qualquer interessado. Seus alunos protestaram, e ele pôde manter seu ateliê na escola, mas não recuperou as aulas.

Em 1962, Beuys conheceu o movimento Fluxus e as performances e trabalhos multidisciplinares do grupo.

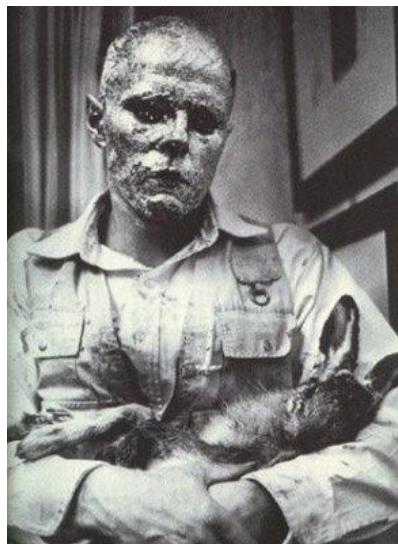
Fluxus, para ele, não foi um momento na história ou um movimento artístico. Foi um modo de fazer coisas...uma forma de viver e morrer! O Grupo Fluxus não pretendia determinar um estilo de arte. Seus artistas integrantes queriam exercer um conjunto de procedimentos ou uma coleção de objetos. Fluxus traduz uma atitude diante do mundo, do fazer artístico e da cultura que se manifesta nas mais diversas formas de arte: música, dança, teatro, artes visuais, poesia, vídeo, fotografia e outras. Seu nascimento oficial está ligado ao ano de 1962 e ao termo de origem latina, *fluxu*, que significa fluxo, movimento, escoamento. Fluxus, originalmente criado para dar título a uma publicação de arte de vanguarda, passa a caracterizar uma série de performances organizadas na Europa, entre 1961 e 1963. De feitio internacional, interdisciplinar e plural do ponto de vista das artes, Fluxus mobiliza artistas na Alemanha, França, Estados Unidos e Japão.

Ações comprometidas com a exploração de sons e ruídos tirados do cotidiano, têm lugar central na definição da atitude artística do Fluxus. Trata-se de romper as barreiras entre arte e não arte, dirigindo a criação artística às coisas do mundo, seja à

natureza, seja à realidade urbana, seja ao mundo da tecnologia. Além da música experimental, as principais fontes do movimento podem ser encontradas num certo espírito anárquico de contestação com ênfase no processo de criação ancorado no gesto e na ação – da dança, do teatro, das artes plásticas. As performances, amplamente realizadas pelos artistas ligados ao Fluxus, remetem a uma vigorosa tendência da arte da segunda metade do século XX, feita da combinação de refugos e materiais descartáveis.

As realizações do Fluxus justapõem não apenas materialidades ou objetos, mas também sons, movimentos e luzes num apelo simultâneo aos sentidos da visão, olfato, audição e tato. O espectador é convocado a participar dos espetáculos experimentais, em geral, descontínuos, sem foco definido, não-verbais e sem sequência previamente estabelecida. As performances conhecem inflexões distintas, podendo adquirir tom minimalista ou acento mais teatral e provocador.

Aquelas concebidas por Beuys, na Alemanha, se particularizaram pelas conexões que estabeleceram com um universo mitológico, mágico e espiritual. Nelas, chamaram atenção o uso frequente de animais e a ênfase nas ações que conferiam sentidos aos objetos e o uso de sons e ruídos de todos os tipos, num apelo às experiências anteriores à linguagem articulada e ao reino dos instintos que os animais representam.



Como explicar uma obra de arte para uma lebre morta, 1965.



I like America and America likes me, 1974.

Sua obra tornou-se cada vez mais motivada pela crença de que a arte deve desempenhar um papel ativo na sociedade.

Joseph Beuys, artista experimental, desde sempre apresentou uma especial maneira de enfrentar a materialidade artística. Compartilhou com outros artistas e o público, a ideia de arte como evento – como um fluir ininterrupto de situações e de emoções. Na prática, ousou eliminar as barreiras que separam as distintas manifestações artísticas. Suas exposições eram acontecimentos interdisciplinares que propunham a intersecção de diversas linguagens: música, teatro, dança, artes plásticas. Tudo é improvisado, passageiro, que serve de intermediário, e que assim se apresenta ao espectador com a intenção deliberada de ativar a sua capacidade de vivência sensorial.

Assim, a apreensão sensorial, que integra os sentidos, deve acontecer no instante eventual. Com as formas de sensibilização não se apresentam fixas, a atenção aos níveis imagéticos é quase suprimida e, então, a topografia espacial – que inclui som, gestos e objetos – só pode ser vivenciada na sua incontestada presentidade. Tudo o que é conceito precisa compreender a sua dimensão física.

Beuys opta por uma materialidade pobre. Nas suas performances, frequentemente usava elementos como feltro e cobre. Acreditava que estes dois materiais tinham o poder de polarizar as energias que se acumulavam durante os seus eventos. Incluía, também, animais – imagens reais e míticas da energia vital.

Beuys opta por uma via pulsional: filosófica, criativa, de estranhos significados. Da equivalência entre vida e arte deriva, por descontinuidade, o sujeito.

A individualidade radical do sujeito, a sua irredutibilidade e imediateza: é este o escândalo que contrasta a concepção universalista da arte inaugurada pelas vanguardas históricas e continuado pelo standard ideológico-dependente das neovanguardas. Uma energia que violenta a experiência de arte, enquanto desejo de inatingibilidade: assim, antes de qualquer representação e qualquer conhecimento.

Beuys orienta-se na transgressão das ideologias vanguardistas. Para tanto, articula instrumentalmente a linguagem: teatraliza o real, porque sabe que a sua modificação é impossível; significa o vazio, porque insiste em manipular a história e a filosofia. E cria uma antropologia (um rito vertical) imaginária.

A imagem, para ele, é uma sabedoria que anteceda a filosofia e a representação. As imagens que se aprofundam em suas próprias qualidades vivem como um choque a separação do corpo para imaginar a existência.

Era um crítico da arte e propunha a autonomia da linguagem. Foi um crítico da modernidade: os artistas modernistas achavam-se no direito de interromper a própria existência, atribuindo à arte uma modalidade autogerativa.

Com isso, identificava um quadro de crise na relação entre mundo e imagem: a excessiva imaterialidade.

Reivindicava a matéria! Como suporte e técnica:

Poliéster;
Plástico;
Papel, papelão;
Madeira;
Espaço, ambiente;
Ação, gestos, posturas, interferências;
Voz, palavras, letras;
Vidro;
Lousa;
Quadros;
Elementos naturais, a natureza;
Vídeo, super-8;
Caixas;
Recortes, rasgos, colagens;
Terra;
Ferro;

VI Simpósio Nacional de História Cultural
Escritas da História: Ver - Sentir - Narrar
Universidade Federal do Piauí - UFPI
Teresina-PI
ISBN: 978-85-98711-10-2

Fogo;
Escorrimentos.

Feltros;
Tecidos;
Fios e cordões;
Fotos;
Serigrafia, litografia, heliografia, offset;
Xerox;
Lápis;
Timbres, carimbos, clichês;
Água, infusão de ervas, mel;
Vidros;
Objetos prontos;
Animais;
Escrituras, caligrafias, signos, sinais;
Datilografias, telegramas;
Envelopes;
Moldes vazados;
Imagens sacras, estampas;
Dobras;
Livros;
Tintas;
Lixo, resíduos;
Jornal. Revistas;
Giz;
Couro;
Graxa, manteiga;
Dinheiro;
Sangue.
(CELANT, 1978: 86)

6



Fat Chair, 1964



Felt Suit, 1970.

Tamanho diversidade de materiais e procedimentos, para reforçar uma ideia: eu, indivíduo considerado num nível extrassensorial, posso referir-me em qualquer matéria deste mundo. Mais: a capacidade criativa do homem (um desejo antropológico) está na transformação da matéria...como produção...a arte é a relação do deteriorável com a renovação.

Afinal, se o conceito de criatividade, em suas definições tradicionais, incorpora intuição e imaginação localizadas numa zona de sentimentos e emoções, as definições atuais falam da vontade de articulação e de formação: realidade e realização do homem intelectual.

Beuys acreditava que a arte atual abre o debate com uma realidade de articulações saturadas, no que se refere à relação homem-linguagem-sociedade-cultura, campo em que se realizam as capacidades e os produtos artísticos.

Para ele, a produção artística deveria ser considerada como parte de um conceito ampliado de economia. As questões da arte poderiam estar em estreito contato com os conceitos econômicos: num organismo social articulado...não encontraríamos mais aquelas contradições que se apresentam cotidianamente em nossa vida atual; alcançaríamos, ao contrário, a integração de todos os elementos de uma construção

enérgica, onde tudo, em relação à arte, poderia refletir-se sobre o homem; não somente sobre o trabalho do artista, mas também sobre qualquer atividade humana.

Tudo condensado na força da matéria que compreenderia, por ação, a livre atividade cultural: a transformação criativa da realidade orgânica e objetual como forma de um novo ordenamento expressivo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BEUYS, J. *Joseph Beuys Block Beuys*. Munchen: Schirma/Mosel, 1990.

CELANT, G. *Beuys*. Napoli: Amelio, 1978.

RIZOLLI, M. *Artista-Cultura-Linguagem*. Campinas: Akademika, 2010.